

# ELIAS CANETTI

Prémio Nobel  
de Literatura

## O ARCHOTE NO OUVIDO

História de Uma Vida

«No ponto cimeiro da obra  
de Elias Canetti encontram-se  
as suas memórias.»

Academia Sueca



cavalo de ferro

*Para Veza Canetti, 1897-1963*

**PRIMEIRA PARTE**

**INFLAÇÃO E DESFALECIMENTO**

**Frankfurt**  
**1921–1924**

## A Pensão Charlotte

Foi sem resistência que aceitei as constantes mudanças de ambiente dos meus primeiros anos. Nunca lamentei o facto de ter sido, em criança, exposto a impressões tão fortes e tão contrastantes. Por mais estranho que cada um dos novos lugares a princípio se apresentasse, acabava por me conquistar pelo efeito singular que produzia em mim e pelas suas ramificações incalculáveis.

Apenas senti amargura por um único passo: nunca consegui superar o facto de ter deixado Zurique. Tinha dezasseis anos e sentia-me tão estreitamente ligado às pessoas e aos lugares, à escola, à terra, à literatura e até mesmo ao dialecto – que fui aprendendo apesar da tenaz resistência da minha mãe – que a minha vontade era ficar ali para sempre. Depois de ter vivido apenas cinco anos em Zurique, e numa tenra idade, tinha a sensação de que passaria ali toda a minha vida, num crescente bem-estar espiritual e sem ter de me mudar para outros lugares.

A ruptura foi violenta, e todos os argumentos que apresentei como justificação para a minha permanência – como era meu desejo – foram objecto de escárnio. Depois da conversa devastadora na qual foi decidido o meu destino, senti-me transformado numa personagem ridícula e desalentada, um cobarde que, por causa de uns meros livros, se recusava a enfrentar a vida, um pretensioso, atafalhado de um saber falso que de nada valia, um tacanho e um convencido, um parasita, um reformado antes de tempo, um velho que não se tinha afirmado em coisa nenhuma.

No meu novo ambiente, cuja escolha fora determinada por circunstâncias que para mim permaneciam um mistério,



reagi de duas maneiras distintas contra a brutalidade da mudança. Por um lado, com nostalgia, pela saudade que tinha – considerada uma doença natural das pessoas em cujo país eu tinha vivido, às quais eu sentia que pertencia devido à intensidade desse sentimento. Por outro lado, adoptei uma atitude crítica para com esse meu novo ambiente. Para trás ficara o tempo em que eu deixara fluir sem peias a torrente de tudo quanto eu desconhecia. Tentei fechar-me ao novo mundo, pois tinha-me sido imposto pela força. Não estava, porém, em condições de tudo rejeitar indiscriminadamente – a minha excessiva sensibilidade natural impedia-me –, e assim começou um período de análise e refinamento das minhas faculdades satíricas. Tudo o que fosse diferente daquilo que eu conhecia me parecia exagerado e esquisito. Além disso, devo acrescentar que muitas coisas se me apresentaram em simultâneo e de modo inesperado.

Tínhamo-nos mudado para Frankfurt e, como as circunstâncias eram incertas e ainda não sabíamos quanto tempo íamos ficar, fomos para uma pensão. Lá, ocupámos dois quartos, bastante exíguos, ficando muito mais próximos de outras pessoas do que em qualquer outra época, e embora nos destacássemos como uma família, fazíamos as refeições com os outros hóspedes, no piso térreo, sentados à mesa grande da pensão. Na Pensão Charlotte conhecemos todo o tipo de pessoas, que eu revia diariamente durante a refeição principal e que só aos poucos iam mudando. Algumas permaneceram durante os dois anos que acabei por ficar na pensão, outras apenas um ou mesmo só meio ano; eram muito diferentes entre si; todas deixaram a sua marca na minha memória, mas eu tinha de prestar muita atenção para compreender os assuntos sobre os quais falavam. Os meus irmãos, então com onze e treze anos, eram os mais novos, e a seguir vinha eu, com os meus dezassete.

Os hóspedes nem sempre apareciam no andar térreo. A *Fräulein* Rahm, uma jovem e esbelta modelo, muito loira –

a menina bonita da pensão —, só de vez em quando vinha comer à mesa. Comia pouco, para manter a elegância, e assim dava ainda mais que falar. Não havia um único homem que não a acompanhasse com o olhar, um único homem que não a cobiçasse, e como se sabia que, para além do namorado fixo — dono de uma loja de moda masculina e que não morava na pensão —, outros homens a vinham visitar, havia muitos que pensavam nela e a contemplavam com o prazer que se sente com algo a que se tem direito, e que um dia talvez nos venha a calhar em sorte. As mulheres diziam mal dela. Os homens, quer quando o arriscavam diante das esposas quer quando o faziam entre si, tinham para ela uma palavra de apreço, elogiando em especial o seu corpo elegante, tão alto e esbelto, ao longo do qual se podia deslizar o olhar, para cima e para baixo, sem que se encontrasse resistência em parte alguma.

À cabeceira da mesa da pensão sentava-se a *Frau* Kupfer, uma mulher de cabelos castanhos, macilenta de tantas preocupações, uma viúva de guerra, que geria a pensão para se sustentar a si e ao filho. Era muito ordeira, meticulosa, sempre consciente das dificuldades daqueles tempos, que se podiam expressar em algarismos; a sua frase mais frequente era: «Não posso dar-me a esse luxo.» O filho, Oskar, um rapaz baixote de sobrancelhas espessas e testa estreita, sentava-se à sua direita. À esquerda dela sentava-se o *Herr* Rebhuhn, um cavalheiro de idade madura, asmático, funcionário de um banco, de uma amabilidade extrema, só ficava taciturno e maldisposto quando se falava do desfecho da guerra. Embora fosse judeu, estava imbuído de um fervoroso espírito nacionalista alemão: se alguém o contradizia, surgia de imediato a «punhalada», rápida como um relâmpago, em absoluto contraste com o seu modo pacato. Enervava-se ao ponto de ter um ataque de asma, e então tinha de ser levado para o quarto pela irmã, a *Fräulein* Rebhuhn, que morava com ele na pensão. Como conheciam essa sua particularidade e também o quanto sofria com a asma, as pessoas evitavam

que a conversa tocasse nesse ponto sensível, de modo que tais acessos eram bastante raros.

O *Herr* Schutt, cujo ferimento de guerra, em termos de gravidade, em nada ficava atrás da asma do *Herr* Rebhuhn, e que só conseguia andar de muletas, tinha dores terríveis e um ar extremamente pálido — era obrigado a tomar morfina para as dores —, era o único que não tinha papas na língua. Odiava a guerra, lamentava que ela não tivesse acabado antes de se ter ferido gravemente, afiançava que a tinha previsto e que sempre achara o imperador um perigo público, confessava-se independente e afirmava que, se tivesse sido membro do Parlamento, teria votado sem hesitar contra os créditos de guerra. Era de facto muito mal pensado que os dois, o *Herr* Rebhuhn e o *Herr* Schutt, estivessem sentados tão perto um do outro, apenas separados pela já envelhecida *Fräulein* Rebhuhn. À menor ameaça de perigo, ela virava-se para o seu vizinho da esquerda, espetava os seus doces lábios de solteirona, punha sobre eles o dedo indicador e lançava ao *Herr* Schutt um longo olhar de súplica, enquanto, com o indicador da mão direita, apontava disfarçadamente para baixo, na direcção do seu irmão. O *Herr* Schutt, que noutras ocasiões era tão mordaz, compreendia e detinha-se quase sempre, a maior parte das vezes a meio de uma frase; de qualquer modo, falava tão baixo que era preciso prestar muita atenção para se conseguir perceber alguma coisa. Assim se salvava a situação, graças à *Fräulein* Rebhuhn, que estava sempre atenta às palavras dele. O *Herr* Rebhuhn não dava conta de nada; ele jamais começava uma discussão, era o homem mais pacífico e mais gentil do mundo. Só quando alguém aludia ao desfecho da guerra e aprovava o seu carácter sedicioso é que a «punhalada» o atingia, rápida como um raio, e ele se atirava cegamente à luta.

Seria, no entanto, completamente errado pensar que, noutras ocasiões, as coisas se passassem assim durante as refeições. Este conflito bélico foi o único que me ficou na memória, e se calhar até o teria esquecido se passado um ano

ele não se tivesse acirrado de tal modo que foi preciso mandar sair da mesa os dois adversários: o *Herr* Rebhuhn, como sempre, pelo braço da irmã; o *Herr* Schutt com muito mais dificuldade, agarrado às muletas e ajudado pela *Fräulein* Kündig, uma professora que morava há muito tempo na pensão, que se tornara sua amiga e que mais tarde até se casou com ele, para que ele tivesse o seu próprio lar e fosse mais bem tratado.

A *Fräulein* Kündig era uma das duas professoras que havia na pensão. A outra, a *Fräulein* Bunzel, tinha um rosto marcado pela varíola e uma voz choramingada, como se a cada frase que dizia estivesse a lastimar a sua fealdade. Já nenhuma delas era nova, teriam cerca de quarenta anos, e representavam ambas a cultura na pensão. Como leitoras assíduas do jornal *Frankfurter Zeitung*, sabiam o que era importante e aquilo de que se falava, e pressentia-se que estavam à espreita de parceiros de conversa que não fossem demasiado indignos da sua atenção. Mas nunca deram sinais de falta de tacto quando não aparecia nenhum cavalheiro que quisesse discorrer sobre Unruh, sobre Binding, sobre Spengler ou sobre *Vincent*, de Meier-Graefe. Sabiam o que deviam à proprietária da pensão e comportavam-se, por isso, com recato. Aliás, a voz lamuriante da *Fräulein* Bunzel jamais denotava qualquer traço de sarcasmo, e a *Fräulein* Kündig, que tinha um aspecto muito mais vivaz e que falava animadamente sobre homens e temas intelectuais, tinha por hábito ficar à espera de que as duas coisas coincidissem, pois um homem com quem ela não conseguisse *falar* só se interessaria, de qualquer forma, pela *Fräulein* Rahm, a modelo, e por mais ninguém. Para ela, uma pessoa a quem ela não pudesse elucidar sobre um ou outro assunto não lhe interessava, e, conforme confessou em privado à minha mãe, esta era também a razão pela qual ela – que, ao contrário da sua colega, até era uma pessoa atraente – ainda não se casara. Um homem que nunca tivesse lido um livro não era homem para ela; nesse caso, mais valia continuar a ser livre e não ter de se incomodar com tarefas domésticas. Também



não tinha grande interesse em ter filhos, via até demasiadas crianças um pouco por todo o lado. Ia ao teatro e a concertos, sobre os quais gostava de falar, embora gostasse de se ater às críticas do *Frankfurter Zeitung*. Era curioso, dizia ela, que os críticos partilhassem sempre da sua opinião.

A minha mãe, familiarizada desde Arosa com as tendências da cultura alemã, a qual, ao contrário da decadente estética vienesa, lhe agradava sobremaneira, gostava da *Fräulein Kündig*, acreditava nela e não fazia comentários trocistas ao reparar no seu interesse pelo *Herr Schutt*. Este, demasiado amargurado para se envolver em conversas sobre arte ou literatura, manifestava-se com um grunhido algo dissimulado quando se falava em Binding, de quem a *Fräulein Kündig* gostava tanto quanto de Unruh — ambos eram muito citados no *Frankfurter* —, e, sempre que aparecia o nome de Spengler, coisa que na altura era inevitável, esclarecia:

— Na frente de combate é que ele não esteve. Ao menos que se saiba.

A isto acrescentava, com brandura, o *Herr Rebhuhn*:

— Eu diria que no caso de um filósofo isso não conta para nada.

— No caso de um filósofo da história se calhar até conta — retorquia a *Fräulein Kündig*, e depreendia-se daí que, com todo o respeito que devia a Spengler, ela tomava o partido do *Herr Schutt*.

O assunto, porém, nunca degenerou em qualquer conflito entre os dois cavalheiros, já que havia qualquer coisa de conciliatório no facto de que o *Herr Schutt* *esperava* que as pessoas servissem na frente de combate, enquanto o *Herr Rebhuhn* se mostrava disposto a relegar isso para segundo plano: era como se tivessem trocado de opiniões entre si. Mas a questão essencial, se Spengler tinha ou não estado na frente, não ficou, dessa forma, resolvida, e ainda hoje não sei a resposta para ela. Era evidente que a *Fräulein Kündig* se compadecia do *Herr Schutt*. Durante bastante tempo, soube esconder essa

compaixão atrás de epítetos mais ou menos triviais como «o nosso jovem guerreiro» ou «o que soube cumprir o seu dever». Era difícil perceber nele uma reacção a favor ou contra tais comentários; o seu comportamento para com ela era de uma neutralidade total, como se ela nunca lhe tivesse dirigido a palavra; em todo o caso, cumprimentava-a sempre com um aceno de cabeça ao entrar na sala de jantar, ao passo que à *Fräulein* Rebhuhn, que ficava à sua direita, não se dignava sequer a lançar-lhe um olhar. Uma vez perguntou à minha mãe, numa ocasião em que eu e os meus irmãos nos tínhamos atrasado na escola e ainda não estávamos à mesa:

– Onde está a sua carne para canhão?

Ela contou-nos isto pouco depois, irritada, acrescentando que lhe tinha respondido, indignada:

– Isso é que nunca! Nunca!

Ele completou o seu comentário sarcástico:

– Guerra nunca mais!

O *Herr* Schutt reconhecia a posição obstinada da minha mãe contra a guerra, embora nunca a tivesse vivido de perto, e os comentários provocatórios que fazia serviam, antes de mais, para lhe pôr as convicções à prova. Entre os hóspedes da pensão havia gente de espécie muito diferente, à qual ele não dava a menor importância. Havia, por exemplo, o jovem casal Bemberg, sentados à sua esquerda: ele, corretor de bolsa, constantemente preocupado com lucros, chegou mesmo a louvar o «virtuosismo» da *Fräulein* Rahm, referindo-se à sua capacidade de manobra entre inúmeros admiradores. «A senhora mais chique de Frankfurt», dizia ele, e, no entanto, era um dos pouquíssimos homens que não a cobiçavam; estava, antes, impressionado com o seu «faro pelo dinheiro» e a sua reacção céptica aos galanteios. «Ninguém lhe consegue dar a volta. Ela quer primeiro saber quais são as intenções da pessoa.»

A esposa, que seguia sempre os ditames da moda, dos quais o cabelo curto era o que lhe assentava de modo mais natural,

frívola como a *Fräulein* Rahm, mas de um modo diferente, era de origem burguesa, mas tal não se notava sobremaneira. Via-se bem que comprava tudo aquilo que cobiçava, mas poucas coisas lhe assentavam bem; ia a exposições de arte, interessava-se pelas roupas das mulheres retratadas; admitia ter um fraquinho por Lucas Cranach devido, segundo explicava, ao seu modernismo «fantástico», embora o verbo «explicar» sugira uma ideia de prolixidade excessiva quando aplicado às suas esqueléticas interjeições. O *Herr* e a *Frau* Bemberg tinham-se conhecido durante um *shimmy*<sup>1</sup>. Uma hora antes, ainda estranhos um ao outro, ambos sabiam – o que ele confessava com um certo orgulho – que havia algo mais em cada um deles, mais até no caso dela do que no dele, embora ele já fosse considerado um promissor corretor bolsista. Achou-a «chique», desafiou-a para dançar e chamou-lhe de imediato «Pattie». «Faz-me lembrar a Pattie», disse, «uma americana.» Ela quis saber se tinha sido o seu primeiro amor. «Depende do que quer dizer com isso», respondeu ele. Ela compreendeu o que ele quis dizer, achou fantástico que a primeira mulher dele tivesse sido uma americana e conservou o nome Pattie. Era assim que ele se referia a ela diante de todos os hóspedes da pensão, e quando ela não descia para comer, ele dizia: «A Pattie hoje não está com fome. Está preocupada em manter a linha.»

Também eu me teria esquecido desse par inofensivo se o *Herr* Schutt não tivesse chegado ao cúmulo de os tratar como se eles não existissem. Sempre que avançava pela sala fora, agarrado às muletas, era como se eles desaparecessem. Passava ao largo da saudação que lhe faziam, não via os seus rostos, e a *Frau* Kupfer, que aceitava a presença dele na pensão unicamente em memória do marido, caído na guerra, não ousava, na sua presença, dizer uma única vez «*Herr*» ou «*Frau* Bemberg». O casal aceitou, sem reclamar, esse boicote iniciado pelo *Herr* Schutt e que não foi, no entanto, seguido pelos

<sup>1</sup> Tipo de dança popular durante as primeiras décadas do século xx, por alguns considerada obscena, sendo por vezes banida de salões de dança. [N. dos R.]

outros hóspedes. Aquele inválido, que aparentava ser pobre em todos os aspectos, inspirava-lhes uma espécie de compaixão que, embora escassa, não deixava de ser um sentimento perfeitamente oposto ao desprezo que ele revelava.

Na ponta mais afastada da mesa os contrastes eram menos nítidos. Havia o *Herr Schimmel*, um director comercial pujante de saúde, de bigode espetado e bochechas encarnadas, ex-oficial, que não estava nem amargurado nem insatisfeito. O seu sorriso, que nunca lhe desaparecia do rosto, era uma espécie de estado de alma: era tranquilizador ver que há almas eternamente iguais a si mesmas. Nunca se alterava, nem sequer em dias de mau tempo, e o que deixava os outros um tudo ou nada espantados era precisamente o facto de tanta satisfação se aguentar por si só e não precisar de um complemento para se manter. E teria sido fácil encontrá-lo, pois não longe do *Herr Schimmel* sentava-se a *Fräulein Parandowski*, vendedora, uma mulher bela e orgulhosa, com rosto de estátua grega, imperturbável perante as citações do *Frankfurter* da *Fräulein Kündig* e por quem os elogios do *Herr Bemberg* à *Fräulein Rahm* escorriam como chuva. «Eu não poderia fazer isto», dizia ela, sacudindo a cabeça. Mais não dizia, mas ficava claro aquilo de que ela não seria capaz. A *Fräulein Parandowski* escutava, embora falasse pouco: tal impassibilidade assentava-lhe bem. O bigode do *Herr Schimmel* – sentava-se de viés quase diante dela – parecia ter sido escovado de propósito para ela, os dois pareciam talhados um para o outro. No entanto, ele nunca lhe dirigia a palavra, nunca entravam nem saíam juntos, como se fosse ponto assente que ela não pertencia ao grupo. A *Fräulein Parandowski* não ficava à espera de que ele se levantasse da mesa nem se coibia de descer para a refeição bastante tempo antes. É certo que tinham em comum o silêncio, mas ele estava permanentemente a sorrir, sem nenhuma intenção especial, enquanto ela, de cabeça bem erguida, permanecia tão séria como se pensasse incessantemente em alguma coisa.

Era óbvio para toda a gente que havia qualquer coisa por trás daquela atitude, mas todas as tentativas da *Fräulein Kündig*, que

estava sentada nessa zona, para ficar a saber o que de facto existia fracassavam perante a tremenda oposição dos dois. A *Fräulein* Bunzel chegou ao ponto de chamar uma vez «cariátide» à *Fräulein* Parandowski, nas suas costas, enquanto a *Fräulein* Kündig cumprimentava jocosamente o *Herr* Schimmel com um «Lá vem a cavalaria». A *Frau* Kupfer, porém, censurou-a imediatamente, dizendo-lhe que não podia permitir observações pessoais à mesa da sua pensão, e a *Fräulein* Kündig aproveitou o ralhete para perguntar, olhos nos olhos, ao *Herr* Schimmel se ele tinha alguma coisa contra o facto de se referirem a ele como «cavalaria».

– É para mim uma honra – sorriu ele –, fui soldado de cavalaria.

– E continuará a sê-lo até ao fim. – Era assim, sardónico, que o *Herr* Schutt reagia a cada indirecta da *Fräulein* Kündig, ainda antes de terem descoberto que gostavam um do outro.

Foi só passado cerca de meio ano que apareceu na pensão um espírito superior: o *Herr* Caroli. Sabia mantê-los a todos à distância, tinha lido muito. Os seus comentários irónicos, que despontavam como frutos das suas leituras, cuidadosamente cristalizados, encantavam a *Fräulein* Kündig. Ela nem sempre conseguia identificar a fonte das citações dele, e humilhava-se ao ponto de implorar por um esclarecimento.

– Por favor, por favor, de onde tirou isso? Diga-me por favor ou hoje não conseguirei dormir.

– De onde é que há-de ser – respondeu o *Herr* Schutt pelo *Herr* Caroli –, é de Büchmann, como todas as frases que ele diz.

Mas, para vergonha do *Herr* Schutt, estava enganado, pois nada do que o *Herr* Caroli dizia vinha de Büchmann.

– Preferia tomar veneno a ler Büchmann – disse o *Herr* Caroli. – Jamais cito o que não tenha efectivamente lido.

Era opinião generalizada na pensão de que isso era verdade. Eu era o único que duvidava, porque o *Herr* Caroli não nos ligava nenhuma, e até a minha mãe, que podia de facto ombrear com ele nos assuntos intelectuais, lhe desagradava,



porque os seus três rapazes ocupavam o lugar dos adultos à mesa da pensão e, por nossa causa, ele sentia-se na obrigação de reprimir os comentários mais espirituosos. Nessa época eu estava a ler as tragédias gregas, e um dia ele citou *Édipo*, depois de ter assistido a uma representação em Darmstadt. Eu continuei a citação, mas ele fez de conta que não tinha ouvido, e quando eu, teimoso, a repeti, virou-se de rompante para mim e perguntou com rispidez: «Aprenderam isso hoje na escola, foi?» Como eu só muito raramente arriscava um comentário, a sua repreensão, com a qual pretendia calar-me de uma vez por todas, era injusta e foi entendida assim pelos companheiros de mesa. Mas, como ele era temido pela sua ironia, ninguém protestou, e eu emudeci, envergonhado.

O *Herr* Caroli não só tinha decorado muitas coisas como distorcia frases inteiras de modo engenhoso e ficava a ver se alguém percebia o que ele tinha sido capaz de fazer. Como frequentadora entusiasta dos teatros, era a *Fräulein* Kündig quem mais lhe acompanhava o passo. Ele era um homem com humor e tinha um jeito especial para distorcer assuntos da máxima seriedade. Mas acabou por se ver obrigado a ouvir da *Fräulein* Rebhuhn, a mais sensível de todos, que para ele nada era sagrado, ao que ele teve o descaramento de retorquir: «Feuerbach certamente não o é.» Toda a gente sabia que a *Fräulein* Rebhuhn, para além de viver para o irmão asmático, vivia para Feuerbach e dizia de Ifigénia — a Feuerbachiana, é claro: «Era ela quem eu gostava de ter sido.» O *Herr* Caroli, que tinha cerca de trinta e cinco anos e a aparência de um latino, que ouvia as senhoras repetir que tinha uma testa igual à de Trotski, não poupava ninguém, nem sequer ele próprio. «Pois eu preferia ter sido Rathenau», disse ele, três dias antes de Rathenau ser assassinado, e foi essa a única vez em que o vi desnortado, pois olhou para mim, um simples miúdo da escola, com lágrimas nos olhos e disse: «É o fim!»

O *Herr* Rebhuhn, esse homem caloroso e alérgico ao imperador, foi o único que não ficou abalado com esse assassinio.

Apreciava muito mais o velho Rathenau do que o filho, e não lhe perdoava o facto de ele se ter posto ao serviço da República. Concedia, no entanto, que Walther adquirira um certo mérito ao servir a Alemanha, durante a guerra, quando esta ainda era um império, e mantinha a sua honra. O *Herr Schutt* disse, furibundo:

– Vão acabar por matá-los a todos, a *todos!*

O *Herr Bemberg* referiu-se pela primeira vez na sua vida à classe operária:

– Os operários não vão permitir uma coisa dessas!

O *Herr Caroli* disse:

– Devíamos partir, deixar a Alemanha!

A *Fräulein Rahm*, que não gostava de assassinatos porque, em regra, acarretavam sempre algo mais, disse:

– Leva-me consigo? – e disso o *Herr Caroli* não se esqueceu, pois desse dia em diante abandonou as suas pretensões a génio, fez-lhe a corte abertamente e, para grande ira das mulheres, foi visto a entrar no quarto dela, de onde só saiu às dez horas.

## Uma Visita Solene

À mesa do almoço da Pensão Charlotte, a minha mãe desempenhava um papel respeitado, ainda que não preponderante. Viena tinha-a marcado, embora ela resistisse a essa cidade. Sobre Spengler não sabia mais do que o título da obra. A pintura nunca significara muito para ela e quando, após o aparecimento de *Vincent*, de Meier-Graefe, Van Gogh se tornou o mais destacado assunto de conversa à mesa da pensão, ela não estava em condições de intervir. Quando, uma vez ou outra, se permitia dizer alguma coisa, a impressão que deixava não era das melhores. Os girassóis, disse ela, não exalavam qualquer aroma, e o melhor que tinham para oferecer eram as sementes, pois essas podiam-se ao menos trincar. Seguiu-se um silêncio confrangedor, encabeçado pela *Fräulein Kündig*,

supra-sumo em cultura moderna entre os que estavam à mesa, sempre sensibilizada pelo que era referido no *Frankfurter*. Foi nessa época que começou um verdadeiro culto a Van Gogh; a *Fräulein Kündig* afirmou até que só após ter conhecido a vida dele é que lhe tinha sido revelada a importância de Cristo, declaração contra a qual o *Herr Bemberg* protestou energicamente. O *Herr Schutt* achou-a exagerada; o *Herr Schimmel* sorriu. A *Fräulein Rebhuhn* sussurrou: «Mas ele é tão pouco musical», referindo-se a Van Gogh, e quando percebeu que à sua volta a incompreensão era generalizada, acrescentou sem se perturbar: «Conseguem imaginá-lo a pintar o *Concerto* de Feuerbach?»

Nesses tempos eu nada sabia sobre Van Gogh e, ao chegar aos nossos aposentos, inquiri a minha mãe sobre ele. Ela tinha tão pouco a dizer que eu me senti envergonhado. Chegou até a dizer algo que dantes nunca teria dito: «Era um maluco que pintou cadeiras de palha e girassóis, tudo sempre em amarelo, não gostava de nenhuma das outras cores, até que um dia sofreu uma insolação e deu um tiro na cabeça.» Não fiquei nada satisfeito com esta resposta; pressenti que a loucura que ela lhe atribuía a ele se referia, na verdade, a mim. Há algum tempo que ela marcava posição contra qualquer espécie de excentricidade, para ela um em cada dois artistas era «louco», mas isto valia apenas para os modernos (em especial os que ainda estavam vivos); os mais antigos, com os quais tinha crescido, escapavam incólumes à sua crítica. Não deixava que ninguém tocasse num fio de cabelo de Shakespeare, e só tinha momentos grandiosos à mesa da pensão quando o *Herr Bemberg*, ou então alguém desprevenido, se queixava de se ter aborrecido numa representação de uma qualquer peça de Shakespeare, e afirmava que era altura de acabar com aquilo e de levar à cena, em lugar dele, algo mais moderno.

Nesses momentos, a minha mãe voltava a ser a admirável mulher que era antes. Com meia dúzia de frases cintilantes, demolia o pobre *Herr Bemberg*, que olhava miseravelmente em redor, à procura de ajuda, mas ninguém vinha em seu auxílio.

Quando se tratava de Shakespeare, a mãe não tinha papas na língua, não tinha contemplanções; era-lhe perfeitamente indiferente o que os outros pensassem dela. E quando concluía afirmando que, para as pessoas fúteis desses tempos de inflação, que só pensavam em dinheiro, Shakespeare não era de certeza o mais apropriado, ela conquistava todos os corações: desde a *Fräulein Kündig*, que lhe admirava o temperamento e o entusiasmo, até ao *Herr Schutt*, que personificava o trágico, embora nunca o tivesse chamado pelo nome, até à *Fräulein Parandowski*, entusiasta por tudo o que revelasse orgulho (sentimento ao qual associava a obra de Shakespeare). Até mesmo o sorriso do *Herr Schimmel* ganhou qualquer coisa de misterioso quando um dia, para grande espanto de toda a mesa, disse «Ofélia» e, com medo de poder ter pronunciado mal, repetiu o nome outra vez, mais devagar.

— O nosso cavaleiro conhece *Hamlet* — disse a *Fräulein Kündig* —, quem diria.

O *Herr Schutt* atalhou imediatamente:

— Quando alguém diz Ofélia, isso não significa que tenha assistido a *Hamlet*.

Verificou-se que o *Herr Schimmel* não sabia quem era Hamlet, o que provocou uma enorme risota. Nunca mais ousou ir tão longe. Em todo o caso, o ataque dirigido a Shakespeare pelo *Herr Bemberg* foi rebatido; a própria esposa reiterou a sua predilecção por papéis masculinos representados por atrizes, que era muito chique.

Naquela altura, os jornais citavam muitas vezes o nome de Stinnes. Eram os tempos da inflação, e eu recusava-me a entender quaisquer assuntos económicos; por trás de tudo o que me soasse a economia eu farejava uma ratoeira do tio de Manchester, que me tinha querido atrair para os seus negócios. Ainda sentia na pele a sua grande investida na pastelaria Sprüngli em Zurique, há apenas dois anos. O seu efeito tinha sido agravado pela terrível discussão que eu tivera com a minha mãe. Eu atribuía à sua influência tudo o que

sentia como ameaça. Era natural que, para mim, surgisse ligado a Stinnes: a maneira como se falava de Stinnes; a inveja que eu pressentia na voz do *Herr* Bemberg quando dizia o nome dele; o desprezo cortante com que o *Herr* Schutt o amaldiçoava, «Todos ficam cada vez mais pobres, só ele fica mais rico»; a simpatia unânime de todas as mulheres da pensão (a *Frau* Kupfer: «Ele, sim, ainda se pode permitir alguns luxos»; a *Fräulein* Rahm, que para ele encontrou a sua frase mais comprida: «O que é que uma pessoa sabe de um homem como este?»; a *Fräulein* Rebhuhn: «Para a música jamais lhe sobra tempo»; a *Fräulein* Bunzel: «Sinto pena dele. Ninguém o compreende»; a *Fräulein* Kündig: «Gostava de ler as cartas com pedidos que ele recebe»; a *Fräulein* Parandowski disse que teria gostado de trabalhar para ele, «com ele, sabemos com o que contamos»; a *Frau* Bamberg gostava de pensar na mulher dele: «Com um marido como ele, uma pessoa tem de andar sempre toda chique.») – as conversas sobre ele eram sempre longas, a minha mãe era a única a ficar calada. Foi a única vez em que o *Herr* Rebhuhn concordou com o *Herr* Schutt e até usou uma palavra dura, «parasita», mais precisamente: «É um parasita da nação», e o *Herr* Schimmel, o sorriso mais doce de todos, deu ao comentário da *Fräulein* Parandowski uma volta inesperada: «Se calhar já nos compraram a todos. Nunca se sabe.» Quando perguntei à mãe porque ficava calada, disse-me que, por ser estrangeira, não lhe competia imiscuir-se em assuntos internos alemães. Mas era evidente que estava a pensar noutra coisa, sobre a qual não queria falar.

Um dia mostrou-nos uma carta e disse-nos: «Meninos, depois de amanhã vamos ter uma visita. O *Herr* Hungerbach vem cá tomar chá connosco.» Ficámos a saber que ela conhecia o *Herr* Hungerbach do sanatório de Arosa. De certo modo custava-lhe, disse, que ele nos viesse visitar ali à pensão, ele estava habituado a uma vida totalmente diferente, mas era tarde demais para cancelar a visita, ele andava em viagem e nessas alturas ela não sabia onde poderia encontrá-lo. Como acontecia



sempre que ouvia a palavra «viagem», eu imaginei logo uma viagem de exploração e queria saber em que continente é que ele estava. «Anda em viagem de negócios, é claro», disse ela, «é um industrial.» Agora já sabia por que razão ela ficara calada à mesa. «É melhor não falarmos disso na pensão. Ninguém o reconhecerá quando ele vier.»

É claro que fiquei logo precavido contra ele, para isso não teria precisado das conversas à mesa, era um homem que pertencia à esfera do tio-ogre; o que queria ele de nós? Pressenti na mãe uma certa insegurança e achei que devia protegê-la dele. Só fiquei a saber, porém, quão grave isto era quando ela disse: «Filho, não saias da sala enquanto ele estiver aqui, gostava que o ouvisses do princípio ao fim. É um homem com muita experiência da vida. Já em Arosa me prometeu tomar conta de vocês quando viéssemos para a Alemanha. É extremamente ocupado. Mas agora vejo que é uma pessoa que cumpre a sua palavra.»

Eu estava curioso quanto ao *Herr* Hungerbach e, como esperava um confronto sério com ele, preparei-me para enfrentar um adversário que me tornaria as coisas difíceis. A minha vontade era que ele me impressionasse, para melhor me afirmar contra ele. A mãe, que tinha um faro especial para os meus «preconceitos juvenis» (como ela lhes chamava), dizia que eu não tinha nada que pensar que o *Herr* Hungerbach tinha crescido como um menino mimado, numa casa rica. Pelo contrário, como filho de um mineiro, tinha tido muitas dificuldades, subira a pulso até ao topo pelo seu trabalho. Uma vez, em Arosa, ele contou-lhe a história da sua vida, e nesse momento ela percebeu finalmente o que significava começar por baixo. Acabou por dizer ao *Herr* Hungerbach: «Receio que o meu filho tenha tido sempre demasiadas facilidades.» Ele fez então perguntas sobre mim e no fim declarou que nunca era tarde demais. Sabia exactamente o que havia a fazer num caso desses: «Atirá-lo à água e deixá-lo esperar. De um momento para o outro passa a ser capaz de nadar.»

O *Herr* Hungerbach tinha uns modos bruscos. Bateu à porta e entrou de imediato na sala. Deu um aperto de mão à minha mãe, mas em vez de olhar para ela enquanto o fazia, dirigiu o seu olhar para mim e ladrou. As frases dele eram curtíssimas e abruptas, pelo que era impossível interpretá-las mal; mas ele não falava: ladrava. Desde o momento da sua entrada até à sua despedida – permaneceu uma hora inteira –, ladrou sem parar. Não fez perguntas e não ficou à espera de respostas. Embora a minha mãe tivesse sido, como ele, uma paciente em Arosa, ele não lhe perguntou uma única vez pela saúde dela. Nem sequer quis saber o meu nome. Em compensação, tornei a ouvir tudo o que um ano antes me tinha horrorizado tanto durante a discussão com a mãe. O melhor para mim seria uma aprendizagem dura, o mais cedo possível, disse ele. Nada de estudos. Deitar fora os livros, esquecer essas tolices. Tudo o que vinha nos livros era falso, só a vida é que contava, experiência e trabalho duro. Trabalhar muito, até que os ossos nos doessem. Se não fosse assim, não seria trabalho. Quem não aguentasse, quem fosse fraco demais, que se afundasse. Ninguém choraria por essa pessoa. Aliás, havia demasiada gente no mundo. Os inúteis deviam desaparecer. De qualquer modo, não era de excluir em absoluto a hipótese de que uma pessoa viesse a dar provas da sua utilidade. Mesmo que tivesse tido um começo fundamentalmente errado. Mas, antes de mais, era essencial esquecer todas as imbecilidades que não tinham nada a ver com a vida como ela é. Viver é lutar, disse ele, uma luta impiedosa, e era bom que fosse assim. De outra forma a humanidade não progrediria. Uma raça de fracos já teria sido extinta há muito, sem deixar rasto. Nada se obtinha a partir do nada. Os homens tinham de ser educados por homens, as mulheres eram demasiado sentimentais, a única coisa que queriam era enfeitar os seus príncipezinhos e mantê-los longe de qualquer sujidade. Mas o trabalho era, antes de mais, sujo. A definição de trabalho: aquilo que nos cansa e que nos suja, mas do qual não desistimos.

Parece-me uma falsificação grosseira querer traduzir os latidos do *Herr Hungerbach* em expressões inteligíveis, mas embora eu não tenha percebido algumas frases e palavras específicas, o sentido de cada uma das ordens era mais do que claro; ele parecia, até, esperar que uma pessoa saltasse imediatamente do lugar e se lançasse ao trabalho penoso, já que qualquer outro tipo de trabalho não tinha valor.

Ainda assim, serviu-se o chá, sentámo-nos à volta de uma mesa baixinha, redonda; o convidado levava a chávena de chá à boca, mas antes de chegar ao ponto em que ia beber um gole, vinha-lhe à ideia uma nova directiva, que era demasiado premente para poder esperar por um gole inteiro. A taça era pousada com brusquidão, a boca abria-se para expelir mais frases curtas, das quais, em todo o caso, se podia deduzir uma coisa: eram incontestáveis. Nesse momento, até pessoas mais velhas teriam tido dificuldade em replicar, quanto mais mulheres e crianças. O *Herr Hungerbach* saboreava o efeito que causava. Estava vestido todo de azul, a cor dos seus olhos, impecável – não tinha uma nódoa, um mero sinal de pó. Eu pensei em muita coisa que gostava de ter dito, mas a palavra em que mais pensava era «mineiro»; e perguntava-me se aquele homem, mais asseado, mais seguro de si e mais duro do que qualquer outro, teria de facto trabalhado numa mina na sua juventude, como afirmava a minha mãe.

Como não abri a boca *uma única vez* – duvido que ele tivesse a bondade de me conceder sequer uma fracção de um segundo –, depois de ele ter despejado tudo, acrescentou, como uma ordem para si mesmo, que não tinha tempo a perder, e foi-se embora. Deve ainda ter estendido a mão à minha mãe, mas para mim não tornou a olhar, tinha-me fulminado, achava ele, de tal maneira que não me considerada digno de uma saudação de despedida. Ainda proibiu a minha mãe de o acompanhar até à saída, disse que conhecia o caminho, e no fim não lhe consentiu qualquer agradecimento. Devia esperar o resultado da sua intervenção antes de lhe agradecer. As suas

últimas palavras foram: «Operação bem-sucedida, paciente morto.» Era uma piada, com a qual pretendia amenizar a seriedade do que dissera antes. E então desapareceu.

– Mudou muito, em Arosa não era assim – disse a mãe. Estava embaraçada e com uma certa vergonha. Era claro para ela que dificilmente poderia ter encontrado pior parceiro para os seus novos planos educativos. No meu caso, porém, ainda o *Herr* Hungerbach estava a falar e já me tinha surgido uma suspeita terrível, que me amargurava e me forçava a emudecer. Precisei de algum tempo até estar em condições de a pôr por palavras. Entretanto, a mãe ia contando várias coisas sobre o *Herr* Hungerbach, de como ele era antes, há apenas um ano. Para meu grande espanto, pôs a tónica – pela primeira vez – na sua crença religiosa. Ele falara-lhe disso na altura, do quanto a sua fé significava para ele. Disse que devia essa fé à sua mãe, e que nunca fraquejara, nem mesmo nos tempos mais difíceis. Soubera sempre que tudo iria acabar bem, e tinha sido precisamente assim: por nunca ter fraquejado, conseguiu chegar tão longe.

– O que tem isso a ver com a fé dele? – perguntei.

– Ele explicou-me quão difíceis estão as coisas na Alemanha – disse ela –, e que iam forçosamente continuar a piorar antes de melhorarem outra vez. Uma pessoa tem de puxar pelos seus próprios cabelos para sair do pântano, dizia ele, de outra maneira não se consegue. Numa situação extrema, como esta, não há lugar para fracos e meninos mimados.

– Ele já falava assim nessa altura? – perguntei.

– O que queres dizer com isso?

– Quero dizer, como se estivesse sempre a ladrar, sem encarar as pessoas?

– Não, isso também me surpreendeu. Naquele tempo ele era de facto diferente. Queria sempre saber como eu me sentia e perguntava-me se tinha notícias tuas. Ficou impressionado por eu falar muitas vezes de ti. Nessa altura até prestava atenção. Uma vez, lembro-me perfeitamente, suspirou, imagina um

homem destes a suspirar, e disse que na juventude dele tinha sido diferente, pois a mãe dele não teria tido tempo para tais preciosismos, com os seus quinze ou dezasseis filhos, já não sei precisar. Eu quis dar-lhe a ler a tua peça de teatro, ele pegou-lhe, leu o título e disse: «*Junius Brutus*, um título nada mau, com os romanos aprende-se muita coisa.»

– Ele sabia, pelo menos, de quem se tratava?

– Sabia, pois, imagina. Disse: «Foi aquele que condenou os filhos à morte, não foi?» Isso era a única coisa que ele sabia da história. Disso gostou, tinha a ver com ele.

– Mas chegou a lê-la?

– Não, claro que não, não tinha tempo para literatura. Ele esquadrihava sempre a secção de economia do jornal e aconselhou-me a mudar-me para a Alemanha: «Lá a vida agora é muito barata, minha senhora, cada vez mais barata!»

– E foi por causa disso que saímos da Suíça e viemos para a Alemanha? – Isto saiu-me com uma tal amargura que eu próprio me assustei. As coisas eram piores do que eu suspeitava. O mero pensamento de que ela pudesse ter abandonado o lugar que eu mais amava no mundo para viver num sítio *mais barato* era profundamente humilhante para mim. Ela percebeu imediatamente que tinha ido longe demais e transigiu:

– Não, isso não. Não foi de certeza. A ideia pode ter tido alguma importância nas minhas considerações, mas não foi decisiva.

– E o que é que foi decisivo? – Ela sentiu-se encostada à parede e, como ainda estávamos sob o efeito da terrível visita, fez-lhe bem estar comigo a falar e a responder às minhas perguntas; ela própria ficava mais esclarecida sobre algumas coisas.

Pareceu-me insegura, era como se sondasse a sua mente à procura de respostas que resistissem e não se esboroassem de imediato.

– Ele queria sempre falar comigo – disse –, acho que gostava de mim. Mas era muito respeitador e, em vez de dizer



gracejos, como os outros doentes, ficava sempre sério e falava da sua mãe. Foi uma coisa que também me agradou. As mulheres, em geral, não gostam de que alguém as compare à mãe, porque isso faz com que se sintam mais velhas. Mas agradava-me, porque com isso eu percebia que ele me levava a sério.

– Mas tu causas sempre boa impressão porque és bonita e inteligente. – Esta era de facto a minha opinião, de outra forma não o teria dito naquele momento, pois não estava com disposição para amabilidades; pelo contrário, sentia em mim um ódio tremendo, estava finalmente na peugada daquilo que, desde a morte do meu pai, tinha causado em mim o maior sentimento de perda: a partida de Zurique.

– Disse-me repetidas vezes que eu era uma irresponsável por te ter educado sozinha, sendo mulher. Que tu deverias sentir a mão forte de um homem. «Mas agora as coisas estão como estão», costumava eu responder, «onde é que eu haveria de encontrar um pai, assim de um dia para o outro?» Foi precisamente para me dedicar só a vocês que eu não me voltei a casar, e agora eu tinha de ouvir que isso tinha sido pior: o sacrifício que fiz por vocês iria forçosamente resultar na vossa infelicidade. Foi um choque muito grande para mim. *Agora*, estou convencida de que ele *queria* assustar-me para me impressionar; intelectualmente, não era uma pessoa muito interessante, sabes, estava sempre a dizer as mesmas coisas, mas assustou-me em relação a ti e de imediato me ofereceu a sua ajuda. «Venha para a Alemanha, minha senhora», disse ele, «eu sou um homem muito ocupado, não tenho tempo nenhum, nem um minuto sequer, mas tomarei conta do seu filho; venha para Frankfurt, por exemplo, que eu a visitarei e terei uma conversa séria com ele. Esse rapaz ainda não sabe como são as coisas neste mundo. Na Alemanha ele verá o mundo com outros olhos. Terei uma só conversa com ele, mas muito franca, e depois a senhora poderá dizer-lhe que enfrente a vida! Ele já estudou o suficiente, agora já chega de livros!

De outra forma ele jamais se tornará um homem! A senhora quer ter uma mulher por filho, é?»

## A Exigência

Rainer Friedrich era um rapaz alto e sonhador, que ao caminhar parecia não saber como nem para onde ia: não me admiraria se o visse avançar com a perna direita numa direcção e com a esquerda noutra. Não que fosse especialmente fraco, digamos que estava completamente desinteressado pelas coisas do corpo, daí que fosse o pior ginasta da turma. Parecia estar sempre absorto, perdido essencialmente em dois tipos de pensamentos. Era especialmente dotado para a matemática, tinha uma facilidade para essa matéria como eu nunca vira. O problema ainda estava a ser enunciado e já ele o tinha resolvido; ainda não se tinha percebido exactamente do que se tratava e já lá vinha a resposta dele. Mas não se exibia; as coisas saíam-lhe de um modo suave e natural, como se estivesse a traduzir fluentemente de uma língua para outra. Não representava para ele qualquer esforço; a matemática parecia ser a sua língua materna. Fiquei surpreendido com ambos os aspectos: a facilidade que tinha e o facto de ele não se vangloriar disso. Não era só sabedoria, era uma habilidade que ele conseguia demonstrar em quaisquer circunstâncias. Perguntei-lhe se também era capaz de resolver fórmulas enquanto dormia; ele reflectiu seriamente e depois disse, simplesmente: «Acho que sim.» Eu estava imbuído do maior respeito por essa sua capacidade; porém, não o invejava. Era impossível sentir inveja por uma coisa tão singular, já que era tão espantosa que se assemelhava a um milagre, erguia-se muito acima de quaisquer sentimentos mesquinhos de inveja. O que eu de facto invejava era a sua modéstia. «Mas isto é tão fácil», dizia ele quando uma pessoa expressava admiração pela sua solução de um problema, como se tivesse acontecido em

sonhos, «tu também és capaz.» Comportava-se como se de facto acreditasse que todos pudéssemos fazer o que ele fazia, mas não o fizéssemos apenas porque não *queríamos*: uma espécie de má vontade que ele, no entanto, jamais tentou esclarecer, a não ser por razões religiosas.

A outra coisa que ocupava os seus pensamentos estava a anos-luz da matemática: era a sua fé. Frequentava um círculo de estudos bíblicos, era cristão convicto. Morava perto de mim, vínhamos juntos da escola para casa e ele esforçava-se por me encaminhar para a sua crença — coisa que nunca me tinha acontecido na escola —, mas não tentava fazê-lo com argumentos, nunca era uma discussão, não havia qualquer vestígio da rigorosa lógica do seu pensamento matemático. Era um convite amigável, precedido sempre do meu nome, no qual ele acentuava, num tom quase de feitiço, a primeira letra, o «E» da sílaba inicial. «Élias», assim costumava começar, arrastando um pouco as sílabas, «tenta, também tu podes vir a ter fé. Só precisas de querer. É muito simples. Cristo também morreu por ti.» Eu devia parecer-lhe insensível, pois não lhe respondia. Partia do princípio de que era a palavra «Cristo» que me repugnava. Como poderia ele saber que «Jesus Cristo» estivera muito perto de mim na minha primeira infância, naqueles maravilhosos hinos ingleses que cantávamos com a nossa governanta? O que me repelia e gerava o meu silêncio, o que me horrorizava, não era o nome que, talvez sem o saber, eu ainda trazia dentro de mim, mas sim que ele tivesse «morrido também por mim». Nunca me reconciliara com a palavra «morrer». Se alguém tivesse morrido por mim, eu ter-me-ia sentido terrivelmente culpado, como se eu fosse o beneficiário da sua morte. Se houve alguma coisa que me manteve afastado de Cristo, foi essa imagem de sacrifício, o sacrifício de uma vida em prol de todos, é verdade, mas também em prol de mim.

Alguns meses antes de termos começado a cantar secretamente os hinos, em Manchester, eu tinha aprendido, nas aulas de religião do Mr. Duke, que Abraão sacrificara

o seu filho Isaac. Isto nunca deixou de me preocupar, e se a minha confissão não soasse tão ridícula, diria mesmo: até aos dias de hoje. Despertou em mim a dúvida sobre a *ordem*, e esse cepticismo nunca mais se aquietou. Isto foi o bastante para que nunca me convertesse num judeu devoto. A crucificação de Cristo, conquanto ele mesmo a desejasse, teve em mim um efeito não menos perturbador, pois significa que a morte, seja para que fim, é algo que está *calculado*. O Friedrich, que julgava estar a dizer o melhor em prol da sua causa e que afirmava sempre, com uma voz calorosa, que Cristo também morrera por mim, não fazia ideia de como essa frase prejudicava a sua causa. Provavelmente interpretava mal o meu silêncio, tomava-o por indecisão. Pois, a não ser assim, teria sido difícil entender por que razão repetia esta frase todos os dias no regresso da escola. Era espantosa, a sua obstinação, mas nunca desagradável, pois eu percebia sempre que provinha de uma boa intenção: ele queria fazer-me sentir que eu não estava excluído dessa causa, a melhor que ele tinha, da qual eu podia ser parte tanto quanto ele. A sua brandura era igualmente desarmante: parecia nunca se enervar com o meu silêncio a esse respeito, e falávamos sobre muitas outras coisas, entre nós nunca reinava o silêncio. Ele limitava-se a franzir a testa, como se ficasse espantado pelo facto de esse problema, e só esse, ser tão difícil de resolver, e à despedida, quando chegávamos à casa dele, estendia a mão, dizia-me: «Pensa bem, Elias» – mais como uma súplica do que como uma insistência – e dava um tropeção ao entrar em casa.

Eu sabia que o nosso caminho para casa iria sempre culminar nessa tentativa de conversão, e acabei por me habituar àquilo. Mas pouco a pouco fui-me apercebendo de uma sensibilidade completamente diferente que reinava em casa dele, paredes-meias com a cristã e totalmente oposta a ela. Ele tinha um irmão mais novo que também andava na escola Wöhler, dois anos atrás de nós. Esqueci-me do nome dele, provavelmente por ele ter sido tão cáustico comigo e me ter

tratado com tão indisfarçada animosidade. Não era tão alto como o Rainer, mas era um bom atleta e sabia servir-se das pernas muito bem. Era tão seguro de si e tão decidido como o Rainer era indeciso e absorto. Tinham os mesmos olhos, mas enquanto o mais velho olhava para nós com um ar inquiridor, expectante e amigável, havia no olhar do irmão mais novo qualquer coisa de ousado, belicoso e desafiador. Conhecia-o apenas de vista, nunca tinha tido uma conversa com ele, mas ficava sempre a saber pelo Rainer o que ele dissera de mim, ali a quente, acabado de sair do forno.

Era sempre qualquer coisa de desagradável ou ofensiva. «O meu irmão diz que te chamas Kahn e não Canetti. Quer saber por que razão mudaste de nome.» Estas dúvidas vinham sempre do irmão, eram sempre pronunciadas em nome dele. O Rainer queria sempre as minhas respostas para poder refutar as palavras do irmão. Estava muito ligado a ele e, segundo creio, também gostava de mim; por isso, é provável que me transmitisse essas perguntas hostis como uma tentativa de mediação e de paz. No nosso caminho para casa era a primeira coisa que eu ouvia do Rainer, uma nova suspeita e uma nova incriminação vindas do irmão. Eram tão disparatadas que eu não as levava a sério, embora lhes respondesse conscienciosamente. Apontavam sempre todas na mesma direcção: afirmavam que eu, como todos os judeus, tentava esconder o facto de o ser. Evidentemente, não se tratava disso, e tornava-se ainda mais óbvio quando, poucos minutos mais tarde, eu respondia com silêncio à indefectível tentativa de conversão do Rainer.

Talvez tenha sido essa dificuldade do irmão em dar ouvidos à razão que me obrigou a responder de forma paciente e pormenorizada. O Rainer transmitia-me entre parênteses, por assim dizer, tudo o que vinha do irmão. Usava uma voz neutra, sem tomar posição. Não dizia: «Eu também acho» ou: «Eu não acho», apenas transmitia o recado, como se este passasse através dele sem deixar rasto. Se eu tivesse ouvido



tais suspeições, que eram inesgotáveis, no tom agressivo do irmão, teria ficado furioso e nunca lhes teria respondido. Mas, ditas com perfeita calma, eram sempre precedidas de: «O meu irmão diz» ou: «O meu irmão pergunta», e o que vinha depois era tão monstruoso que eu era forçado a falar, sem que no fundo me tivesse de facto irritado, pois eram tão disparatadas que até me faziam sentir pena do interrogador. «Elias, o meu irmão pergunta: Porque é que vocês se têm servido do sangue de cristãos para a festa da *Pessach?*», e quando eu dava a resposta: «Isso não é verdade. Nunca. Eu estive na festa da *Pessach* quando era criança. Teria notado. Tínhamos muitas raparigas cristãs em casa, eram as minhas companheiras de brincadeira», no dia seguinte chegava-me de imediato a nova mensagem do irmão: «Talvez não nos nossos dias. Hoje já é uma coisa demasiado conhecida. Mas porque é que, antigamente, os judeus trucidavam crianças cristãs para a festa da *Pessach?*» Iam saindo cá para fora, uma após outra, todas as velhas acusações: «Porque é que os judeus envenenaram os poços?» Quando eu respondia: «Nunca fizeram isso», ele continuava: «Fizeram, sim, no tempo da peste.» «Mas eles morreram da peste exactamente como os outros.» «Porque envenenaram os poços. O ódio deles aos cristãos era tão grande que eles próprios sucumbiam a esse ódio.» «Porque é que os judeus amaldiçoam todas as outras pessoas?» «Porque é que os judeus são tão cobardes?» «Porque é que, durante a guerra, não havia judeus na frente de batalha?»

E continuava por aí fora. A minha paciência não tinha limites, eu respondia o melhor que sabia, sempre sério, nunca ofendido, como se tivesse ido consultar a minha enciclopédia de factos incontestáveis. Empenhei-me em, com as minhas respostas, pôr fim a tais incriminações, que me pareciam totalmente absurdas, e para emular a tranquilidade de espírito do Rainer, disse-lhe uma vez: «Diz ao teu irmão que lhe estou agradecido pelas perguntas dele. Assim posso acabar de uma vez por todas com as suas palermices.» Dessa vez, até mesmo

o bem-intencionado, crédulo e leal Rainer se espantou. «Isso não vai ser fácil», disse, «ele tem sempre perguntas novas.» Na realidade, o inocente era eu, pois durante vários meses não dei conta da intenção do irmão. Um dia o Rainer disse: «O meu irmão manda perguntar porque é que tu respondes sempre às perguntas dele. Podes perfeitamente ir ter com ele ao pátio da escola e desafiá-lo para uma luta. Podes bater-te com ele, se não tiveres medo!»

Nunca me teria passado pela cabeça ter medo dele. Sentia simplesmente comiseração por causa das suas perguntas infinitamente estúpidas. Ele, porém, tinha querido desafiar-me e escolheu essa estranha via, através do irmão, que durante esse tempo não se desviou um único dia das suas tentativas de conversação. A comiseração transformou-se nesse momento em desprezo, não lhe dei a honra de um desafio, ele era dois anos mais novo do que eu, ter-me-ia ficado mal lutar com um miúdo que estava numa turma dois anos atrás da minha. Assim, cortei todas as «comunicações» com ele. Quando, no dia seguinte, o Rainer começou: «O meu irmão manda dizer...», interrompi-o a meio da frase e disse: «O teu irmão que vá para o inferno. Não luto com miúdos.» A nossa amizade, contudo, nada sofreu, e as tentativas de conversação continuaram também inalteradas.

## O Retrato

O Hans Baum, o primeiro colega de escola com quem fiz amizade na Alemanha, era filho de um engenheiro da empresa Siemens-Schuckert. Era um rapaz muito formal, educado pelo pai com uma disciplina rígida, empenhado em não perdoar a si próprio nenhuma falha, sempre sério e consciencioso, com uma grande capacidade de trabalho; não sendo muito brilhante, esforçava-se por sê-lo. Como lia bons livros e frequentava os concertos do Saalbau, tínhamos sempre algo sobre que falar. Um tema inesgotável era Romain Rolland, em

especial os seus *Beethoven* e *Jean Christophe*. Baum queria ser médico, por uma espécie de sentido de responsabilidade para com a humanidade, que era uma coisa que me agradava muito nele. Tinha também as suas ideias sobre política, de pendor moderado, recusava instintivamente todos os extremismos e mostrava um tal domínio sobre si mesmo que dava a impressão de estar sempre fardado. Apesar da sua juventude, considerava já cada coisa a partir de todos os ângulos, «por uma questão de justiça», como dizia, mas talvez mais ainda porque não tolerava a irreflexão.

Quando fui visitá-lo a casa, fiquei espantado por ver como o pai era uma pessoa temperamental, impetuosa, um burguês cheio de vida e com mil preconceitos que repetia sem cessar; bem-disposto, leviano, gostava de dizer as suas graçolas e tinha o mais profundo afecto por Frankfurt. Voltei a visitá-lo várias vezes, e de todas as vezes ele leu excertos do seu autor favorito, Friedrich Stoltze, em voz alta. «Este é o maior poeta de todos», dizia ele, «quem não gosta dele merece ser fuzilado.» A mãe do Hans Baum já tinha morrido há alguns anos; as tarefas da casa estavam a cargo da irmã, uma pessoa alegre, um pouco corpulenta apesar da sua juventude.

A correcção do jovem Baum ocupava os meus pensamentos. Ele teria preferido morder a língua a dizer uma mentira. No seu mundo a cobardia era um pecado, talvez o maior. Sempre que um professor, por alguma razão, lhe pedia satisfações — o que não era frequente, ele era um dos melhores alunos —, dava uma resposta totalmente franca, sem se preocupar com as consequências que isso lhe pudesse trazer. Quando o caso não lhe dizia respeito, era cavalheiresco e protegia os colegas, mas sem mentir. Se era chamado, ficava direito como um fuso, era o que tinha a postura mais aprumada da turma; abotoava o seu casaco com movimentos decididos, mas moderados. Ter-lhe-ia sido impossível aparecer com o casaco desabotoado numa situação pública, provavelmente era essa a razão pela qual dava frequentemente a impressão de andar

fardado. Não havia efectivamente nada a apontar ao Baum, tinha desde jovem um carácter íntegro e não era, de modo algum, um tolo; mas continuou sempre igual a si mesmo, cada uma das suas reacções era perfeitamente previsível, nunca nos surpreendíamos com ele, a não ser, quando muito, pelo facto de jamais nos surpreender. Em assuntos de honra era extremamente sensível. Quando eu, bastante mais tarde, lhe contei sobre o jogo que o irmão do Friedrich tinha jogado comigo, perdeu a compostura – era judeu – e perguntou-me, com toda a seriedade, se ainda ia a tempo de o desafiar. Não conseguia perceber por que razão eu tinha respondido pacientemente, e durante tanto tempo, nem o completo desprezo que eu posteriormente lhe mostrara. Aquilo desassossegou-o, ficou com a sensação de que havia qualquer coisa de errado comigo para me ter sujeitado àquele jogo durante tanto tempo. Visto que eu não o autorizava a tomar qualquer medida directa em meu nome, resolveu investigar o assunto e descobriu que o falecido pai do Friedrich tinha tido uns azares nos negócios, provocados por concorrentes dele, que eram judeus. Não cheguei a perceber os pormenores, as informações que obtivemos foram insuficientes para os entendermos. Uma coisa era certa, o pai dele morrera pouco depois; comecei então a compreender a origem de tal ódio cego naquela família.

O Felix Wertheim era um rapaz temperamental e alegre, para quem era perfeitamente indiferente se e quando aprendia, pois durante as aulas dedicava-se a observar os professores. Nenhuma particularidade de um professor lhe escapava, estudava-as como quem decora um papel a ser interpretado, e até preferia algumas personagens a outras. A grande vítima era Krämer, o colérico professor de Latim, que ele imitava com tal perfeição que parecia que o próprio estava à nossa frente. Uma vez, durante uma dessas representações, Krämer entrou na sala mais cedo do que ele contava e viu-se de repente confrontado consigo próprio. O Wertheim ia tão embalado que

já não conseguiu parar e pôs-se a insultar Krämer como se ele fosse um impostor e estivesse desavergonhadamente a usurpar-lhe o papel. A cena continuou durante um ou dois minutos: estavam os dois de pé, diante um do outro, olhavam-se incrédulos e continuavam a insultar-se, à moda de Krämer, da maneira mais obscena. A turma esperava o pior, mas não aconteceu nada — Krämer, o colérico Krämer, esteve quase a desatar à gargalhada, teve dificuldade em conter-se. O Wertheim afundou-se na carteira, estava sentado na primeira fila; a manifesta vontade de rir de Krämer tinha-lhe arrancado o seu próprio humor. A coisa nunca foi participada, não houve nenhum castigo, Krämer sentiu-se lisonjeado com a fidelidade absoluta do retrato e foi incapaz de tomar qualquer medida contra aquela imitação.

O pai do Wertheim era dono de uma grande loja de confecção; era rico e não se preocupava em ocultar a sua fortuna. Na passagem de ano fomos convidados a ir a casa dele e o que encontramos foi uma moradia enorme, cheia de pinturas de Liebermann. Em cada sala havia cinco ou seis quadros; não creio que houvesse telas de outros pintores. O destaque da coleção era um retrato do dono da casa. Fomos bem recebidos. Numa atmosfera de pompa e circunstância, o dono da casa mostrou sem acanhamento o seu retrato e falou, de modo a ser ouvido por todos, da sua amizade com Liebermann. Eu disse, também em voz alta, para o Baum: «Pode ter posado para o retrato, mas isso certamente não significa que seja amigo dele.»

A pretensão daquele homem à amizade com Liebermann irritou-me, tal como a ideia de que um grande pintor como ele se tivesse ocupado daquele rosto vulgar. A existência do retrato incomodava-me mais do que a do retratado. Disse para mim próprio que a coleção seria muito mais bonita sem aquele quadro. Não era possível evitá-lo; tudo estava disposto de modo a que fôssemos obrigados a vê-lo. A minha afirmação deselegante também de nada serviu, pois, com exceção do Baum, ninguém lhe prestou atenção.

Nas semanas seguintes houve entre nós discussões acesas. Eu fiz ao Baum a seguinte pergunta: deve um artista pintar qualquer pessoa que lhe encomende o retrato? Teria o pintor o direito a recusar se o retratado não lhe interessasse como matéria para a sua arte? O Baum achava que o pintor era obrigado a aceitar, tendo a possibilidade de manifestar a sua opinião sobre o retratado através do quadro em si. Tinha pleno direito a pintar um quadro feio ou repulsivo, o que fazia parte da esfera da sua arte, enquanto uma recusa antecipada seria um sinal de fraqueza, pois significava que ele não tinha confiança na sua habilidade. Senti que esta teoria, comedida e justa, contrastava penosamente com a desmesura da minha tese.

«Como é que ele há-de poder pintar», dizia eu, «quando está arrebatado por um sentimento de repulsa por um rosto? Se se vinga e desfigura a cara de quem posa, o resultado deixa de ser um retrato. Sendo assim, ele não precisaria do modelo, podia muito bem fazê-lo sem ele. Mas se o pintor aceitar uma remuneração por ridicularizar desse modo a sua vítima, ter-se-á oferecido, por dinheiro, a algo vil. Isso ainda se poderia perdoar a um pobre diabo cheio de fome, porque ainda ninguém o conhece. Mas a um pintor famoso e requisitado isso é simplesmente imperdoável.»

O Baum nada tinha contra normas rigorosas, mas a moral dos outros interessava-lhe menos do que a sua. Segundo ele, não se podia esperar que todos fossem como Michelangelo, havia também naturezas dependentes e menos orgulhosas. Para mim, só deveria haver pintores orgulhosos, quem não tivesse em si as qualidades necessárias deveria dedicar-se a um ofício banal. Mas o Baum fez-me reflectir sobre outra coisa importante.

Que noção tinha eu do trabalho de um retratista? Devia representar as pessoas tal como são ou fazer delas retratos ideais? Para pintar um quadro ideal não seria necessário um retratista! Cada pessoa é ela mesma, e é isso que o pintor, para

o qual se posa, deve captar. Assim também poderia mais tarde vir a conhecer-se a diversidade de pessoas ao longo dos tempos.

Isto abriu-me os olhos e dei-me por vencido. Mas deixou em mim um mal-estar quanto à relação entre os pintores e os seus mecenas. Não conseguia livrar-me da suspeita de que a maioria dos retratos eram feitos por simples adulação e não podiam, por isso, ser levados a sério. Se calhar, esta foi uma das razões pela qual, por volta dessa altura, tomei tão decididamente o partido dos satíricos. Georg Grosz tornou-se, para mim, tão importante quanto Daumier; a caricatura, posta ao serviço de intenções satíricas, conquistou-me por completo, e sucumbi-lhe sem resistência, como se ela fosse a verdade.

### *A Confissão de Um Louco*

Meio ano após a minha entrada na turma chegou um aluno novo, o Jean Dreyfus. Era mais alto e mais velho do que eu, bem constituído, desportivo, um belo rapaz. Em casa falava francês, o que se notava um pouco no seu alemão. Vinha de Genebra, mas também já tinha vivido em Paris, e pela sua origem cosmopolita contrastava muito com os outros colegas. Havia nele uma certa superioridade, mas sem qualquer exibição; ao contrário do Baum, não dava grande importância aos conhecimentos académicos, tratava os professores, a quem não levava a sério, com uma ironia refinada, e dava-me a sensação de que em muitas coisas sabia mais do que eles. Era extremamente cortês e, acima de tudo, espontâneo: nunca se sabia antecipadamente o que ele ia dizer sobre um assunto. Nunca era grosseiro ou infantil, tinha sempre domínio sobre si próprio, e fazia sentir aos outros a sua superioridade sem os oprimir com ela. Era um jovem robusto, o lado físico e o lado intelectual eram nele bem equilibrados; embora me parecesse um ser perfeito, desconcertava-me um pouco a impossibilidade



de conseguir descobrir o que ele levava a sério. Assim, a tudo o que me fazia simpatizar com ele juntava-se ainda esse segredo. Reflecti muito acerca desse segredo; suspeitei de que estivesse no seu passado, mas de tal modo ofuscado que nunca consegui desvendá-lo.

Acho que o Dreyfus nunca chegou a saber o que me atraía nele. Se tivesse sabido, ter-se-ia divertido com isso. Após as nossas primeiríssimas conversas, decidi tornar-me seu amigo, e como com ele as coisas se passavam sempre de modo cortês e civilizado, este processo levou um certo tempo. Do lado do pai, a família dele era proprietária de um dos maiores bancos privados alemães; depreendia-se que o pai devia ser muito rico. Como eu me sentia enclausurado e ameaçado pela minha família mais afastada, essa situação teria de certeza provocado a minha desconfiança e rejeição. Mas a isso contrapunha-se o facto, para mim determinante, de o pai dele ter contrariado a tradição da banca e se ter tornado escritor, simplesmente isso: escritor. E não um escritor dos que perseguem o êxito à custa de romances gratuitos, mas um poeta lírico moderno, só entendido por poucos, e que escrevia, supunha eu, em francês. Ele já tinha publicado alguns livros, mas eu não tinha lido nada dele; nunca fiz qualquer tentativa para os obter, pelo contrário, hoje tenho a impressão de que me sentia intimidado, pois para mim eram como a aura de qualquer coisa obscura, de difícil compreensão, à qual seria insensato procurar aceder com a idade que eu tinha então. Albert Dreyfus interessava-se também por pintura moderna, escrevia crítica de arte e colecionava quadros, era amigo de muitos dos pintores modernos mais originais e era casado com uma pintora, a mãe do meu colega de turma.

A princípio não me apercebi bem desse facto; o Jean só o mencionara de passagem e como se não fosse algo especialmente honroso, mas antes — tanto quanto se podia deprender nas entrelinhas das suas frases tão bem construídas — difícil e delicado. Só quando fui convidado para o visitar e entrei

numa casa repleta de quadros – retratos marcadamente expressionistas, entre os quais havia também alguns do meu amigo em criança –, fiquei a saber que eram obra da mãe dele. Eram de uma tal vitalidade e maestria que eu, apesar dos meus poucos conhecimentos nessa área, exclamei de imediato:

– Mas ela é uma pintora *a sério!* Tu não me tinhas dito nada!

Ao que ele, um pouco surpreso, respondeu:

– Tinhas dúvidas? Mas eu já te tinha dito!

Claro que aquilo dependia do que se entende por «dizer», ele nunca o tinha declarado, apenas o referira de passagem, e dada a solenidade com que, para mim, se revestia toda e qualquer manifestação artística, fui levado a pensar, pela maneira como ele o disse, que queria *desviar-se* do assunto, desculpando-se, à sua maneira cortês, pela actividade pictórica da sua mãe. Eu esperava encontrar algo semelhante às pinturas florais da *Fräulein* Mina na Yalta, e naquele momento caía das nuvens.

Nunca me tinha ocorrido perguntar se a mãe do Jean era uma pintora *famosa*; o que de facto importava era que eu pudesse ver os quadros, que eles existissem na sua plenitude e vitalidade, e que toda a casa, que era bastante grande, *transbordasse* deles. Aquando de uma visita posterior conheci a pintora; pareceu-me nervosa e um pouco confusa, e tinha um ar infeliz, embora se risse com frequência. Pressenti parte da profunda ternura que a ligava ao filho, e na presença dela o Jean pareceu-me menos equilibrado, estava preocupado, como qualquer outro estaria, e interrogou a mãe sobre o seu estado de saúde. Ela deu-lhe uma resposta que não o satisfez, pelo que ele insistiu; queria saber a verdade toda, sem nenhum traço de ironia, com uma compaixão sincera – o que, na verdade, era a última coisa que eu esperava dele – em vez de qualquer superioridade. Se eu os tivesse visto mais vezes juntos, a ele e à mãe, a imagem que guardo dele seria completamente diferente.

Mas nunca mais a vi; via o Jean diariamente, e por isso acabei por obter dele aquilo de que mais precisava naquela

altura: uma noção intacta, inquestionável, da arte e da vida daqueles que a ela se entregavam. Um pai que se afastara dos negócios da família e se tornara escritor, cuja paixão eram os quadros e que por isso mesmo casara com uma pintora a sério. Um filho que falava um francês maravilhoso, embora andasse numa escola alemã, e que às vezes escrevia também um poema em francês – o que era mais do que natural, com um pai daqueles –, embora no fundo lhe interessasse mais a matemática. A isso juntava-se um tio, irmão do pai, que era médico, neurologista, professor na Universidade de Frankfurt, com uma filha lindíssima, a Maria, que eu vi uma única vez e que teria gostado de ter voltado a encontrar.

Não faltava verdadeiramente nada: a ciência, pela qual eu tinha o maior respeito; a medicina – surpreendia-me sempre a mim mesmo ao pensar que iria estudar medicina; e, por fim, a beleza de uma prima morena e aparentemente voluntariosa, cujos atractivos o Jean, que já se dava ares de quem conhece as mulheres, certamente reconhecia, embora se sentisse propenso a aplicar critérios mais exigentes a uma prima.

Era engraçado falar sobre raparigas com o Jean; aliás, quem falava era ele, eu apenas escutava. Levou algum tempo até que eu ganhasse experiência suficiente, a partir das conversas dele, para poder arrancar com histórias minhas. Eram todas inventadas; eu continuava tão inexperiente como fora em Zurique, mas aprendia com ele e passei a imitá-lo. Ele nunca reparou que eu o presenteava com meras histórias, e então preferi limitar-me a umas poucas, de preferência a uma só, que se ia arrastando por vários episódios. Era tão palpitante que ele estava sempre a pedir-me mais; havia em especial uma rapariga, que eu baptizara de Maria em honra da sua prima, que despertou nele o maior interesse. Para além da sua beleza, era dotada das qualidades mais contraditórias: um dia tínhamos a certeza de ter conquistado os seus favores, para no dia seguinte se verificar que lhe éramos perfeitamente indiferentes. Mas também isso não era definitivo: dois dias mais tarde a nossa

teimosia era recompensada com um primeiro beijo, e daí em diante havia uma longa lista de ofensas, recusas e as mais ternas declarações. Púnhamo-nos os dois a adivinhar coisas sobre a natureza das mulheres. Ele confessava que nunca tinha encontrado uma pessoa tão enigmática como a minha Maria, embora já tivesse tido as mais diversas experiências. Exprimeu o desejo de conhecer a Maria, o que eu não pus redondamente de parte. Graças aos caprichos dela, eu tinha sempre forma de adiar o encontro sem que ele suspeitasse de nada.

Foi somente a partir dessas conversas intermináveis — tinham o seu próprio peso e prolongavam-se durante meses — que se foi despertando o meu interesse por coisas que, no fundo, continuavam a ser-me indiferentes. Eu não sabia nada; excepto os beijos, não tinha ideia daquilo que se passava entre amantes. Na pensão, os nossos aposentos ligavam-se por uma porta ao quarto seguinte, o da *Fräulein* Rahm, e noite após noite ela recebia a visita do amigo. Embora a mãe, como medida de prevenção, tivesse encostado o piano contra a porta divisória, ouvia-se, sem ser preciso pormo-nos à escuta, o suficiente. Talvez por causa da natureza daquela relação, eu não dava importância aos sons que vinham do quarto ao lado, embora os estranhasse. Tudo começava com solicitações do *Herr* Ödenburg, às quais a *Fräulein* Rahm respondia com um brusco «Não!». As solicitações passavam a súplicas, começava depois um choramingar e uma lamúria que nunca mais paravam, interrompidos por um «Não!» cada vez mais seco, e por fim percebia-se pela voz que a *Fräulein* Rahm devia estar mesmo zangada. «Rua! Rua!», ordenava ela enquanto o *Herr* Ödenburg chorava de modo pungente. Às vezes ela punha-o mesmo na rua a meio daquela choradeira, e eu ficava a pensar se ele continuaria a chorar nas escadas caso encontrasse pessoas da pensão, mas não me atrevia a ir lá fora ver com os meus próprios olhos. Outras vezes ele tinha permissão para ficar, e o choro transformava-se num choramingo; de qualquer modo, às dez horas em ponto ele

tinha sempre de deixar a *Fräulein* Rahm, pois na pensão não eram autorizadas visitas de cavalheiros além dessa hora.

Sempre que o choro era tão alto que nos perturbava a leitura, a mãe abanava a cabeça, mas nunca falávamos sobre isso. Eu sabia quão desagradável lhe era a vizinhança, mas, quanto ao efeito que poderia ter nos nossos inocentes ouvidos infantis, aquela relação não parecia incomodá-la particularmente. Eu guardava para mim tudo o que ouvia, e nunca relacionava aquilo com as conquistas do Jean, mas se calhar, e sem que na altura eu o tivesse pressentido, estava a ter uma influência remota no comportamento da minha Maria.

Nos relatos do Jean e nas minhas efabulações nunca acontecia nada de menos próprio. Contávamos as coisas um ao outro, como era habitual antigamente. Tudo tinha uma tonalidade cavalheiresca; o que importava era a admiração, nunca a posse. Caso se formulasse essa admiração de modo tão astuto e habilidoso que ela não era esquecida, saía-se vitorioso; a conquista consistia em impressionar e ser-se levado a sério. Quando a torrente das coisas belas que se pensavam e também se *diziam* não se interrompia, quando a oportunidade de as partilhar já não dependia só da habilidade do próprio, mas também da expectativa e da boa vontade manifestada pela rapariga em questão, ficava provado que se fora levado a sério, e então era-se um homem. Era desta comprovação que tudo dependia; era isso, mais do que a aventura, o que nos atraía. O Jean narrava uma cadeia ininterrupta de tais provas. Embora aquilo que eu lhe contrapunha fosse inventado do princípio ao fim, eu acreditava em cada uma das palavras dele, tal como ele acreditava nas minhas. Nunca me ocorreu duvidar das histórias que ele contava pelo simples facto de que eu inventava as minhas. Os nossos relatos valiam por si, e talvez ele embelezasse certas passagens: o que eu inventava na totalidade dava-lhe inspiração para se lançar em muitos pormenores. Os nossos relatos estavam afinados um pelo outro, enredavam-se um no

outro, e naquela altura influenciariam a sua vida interior não menos do que a minha.

Nas conversas com o Baum eu tinha um comportamento completamente diferente. Eles não eram amigos; o Jean achava o Baum desinteressante. Desprezava alunos exemplares, o sentido de dever do Baum parecia-lhe ridículo, porque era rígido e sem vida, porque permanecia igual a si mesmo. A distância que os separava era a minha sorte, pois se tivessem comparado o que eu nessa altura lhes dizia a respeito dos assuntos fulcrais do amor, isso teria desde logo afectado o meu prestígio junto dos dois.

O que eu revelava ao Baum era dito *a sério*, ao passo que as minhas conversas com o Jean eram um jogo. Se calhar com este último eu fazia de propósito para poder aprender, embora só competisse com ele nas palavras e, fora disso, me precavesse de o imitar. Uma vez tive uma conversa muito séria com o Baum, quando, para seu grande espanto, lhe dei a minha opinião definitiva sobre o assunto: «O amor não existe», expliquei eu, «é uma invenção dos poetas. Uma vez ou outra lê-se sobre o amor num livro e acredita-se nele porque se é jovem. Pensamos então que é algo que os adultos nos sonegaram, e por isso atiramo-nos de cabeça e acreditamos nele antes de o termos experimentado. Ninguém o descobriria por si. Na realidade, o amor é totalmente inexistente.» Ele hesitou em responder; senti que não partilhava da minha opinião, mas, como levava tudo tão a sério e ainda por cima era um rapaz reservado, não apresentou qualquer refutação. Teria para isso de revelar experiências pessoais de carácter íntimo, o que era incapaz de fazer.

A minha extrema resistência era uma reacção a um livro que a mãe tinha consigo desde Zurique, e que eu acabara de ler contra a sua vontade: *Le plaidoyer d'un fou* [*A Confissão de Um Louco*], de Strindberg. Ela apreciava sobremaneira este livro, o que notei pelo facto de estar sempre separado dos outros volumes de Strindberg, que ela tinha habitualmente

todos juntos na mesma pilha. Numa ocasião em que eu, de forma arrogante e empolada, me referi ao *Herr Ödenburg* como «vendedor de gravatas» e demonstrei estranhar o facto de a *Fräulein Rahm* aturar a sua companhia noite após noite (ao mesmo tempo que a minha mão, por acaso ou de propósito, brincava com *A Confissão de Um Louco*: abria-o, folheava-o, fechava-o, virava-o e voltava a abri-lo), ela pediu-me, pensando que, por causa das cenas nocturnas do quarto ao lado, eu pretendesse ler o livro: «Não o leias! Vais destruir algo em ti que nunca mais conseguirás reparar. Espera até teres tido as tuas próprias experiências, então já não te poderá prejudicar.»

Durante muito anos acreditei cegamente nela; não tinha de recorrer a quaisquer argumentos para me dissuadir da leitura de um livro. Mas agora, desde a visita do *Herr Hungerbach*, a autoridade dela tinha sido abalada. Ao conhecê-lo, percebi que ele era completamente diferente do homem que ela descrevera e cuja visita anunciara. Agora eu queria verificar pessoalmente o que esse Strindberg tinha de especial. Não lhe prometi nada, mas ela confiou no facto de eu nunca a ter contrariado. À primeira oportunidade agarrei-me ao livro *A Confissão de Um Louco* e, às escondidas, li-o de uma ponta a outra a uma velocidade doida, com a pressa incontida com que lera Dickens em tempos, mas desta vez sem vontade de o reler.

Não senti qualquer simpatia por tal confissão: para mim não passou de uma mentira do princípio ao fim. Creio que o que me incomodou sobremaneira foi essa espécie de timidez da parte dela, a tentativa de não dizer nada que fosse para além do momento, a restrição e limitação a uma dada circunstância. Eu sentia falta do ímpeto, o ímpeto da descoberta, pensando na descoberta num sentido geral, e não específico. Eu não discernia o verdadeiro ímpeto: o ódio. Não via que se tratava da minha experiência mais pessoal, a mais antiga: o ciúme. Incomodava-me a falta de liberdade do início,



o facto de se tratar da mulher de outro: parecia-me uma história entrincheirada em si mesma. Não me agradavam os rodeios na aproximação às pessoas. Com a sobrançeria dos meus dezassete anos, olhava em frente e sentia desprezo pelas coisas encapotadas. A confrontação era tudo: só o frente-a-frente contava. Não levava a sério olhares de esguelha nem remoques. Provavelmente, o livro, que li com uma certa ligeireza, passou-me ao lado como se nunca o tivesse lido. Mas havia nele uma passagem que me atingiu como um soco na garganta, a única coisa do livro que ainda tenho presente nos seus mais ínfimos pormenores, embora — talvez por causa dessa cena — nunca mais lhe tenha pegado.

O herói do livro, o confessor, que é o próprio Strindberg, recebe em casa, pela primeira vez, a visita da mulher de um amigo, oficial da guarda. Despe-a e estende-a no chão. Através da roupa, vislumbra os bicos dos seus seios. Esta descrição de intimidade foi para mim algo absolutamente novo. Passava-se num quarto como tantos outros, que podia ser inclusive o nosso. Provavelmente, foi essa uma das razões pelas quais rejeitei a passagem com veemência: era impossível. O autor queria persuadir-me da existência de uma coisa a que chamava amor. Mas eu não me deixei desconcertar e declarei-o mentiroso. Não só não me interessava minimamente por essa história — que de qualquer modo me repugnava, pois acontecia nas costas do marido da mulher, que era amigo dele, que confiava nos dois — como a considerava também absurda, uma invenção implausível, desavergonhada. Porque havia uma mulher de permitir que a deitassem no chão? Por que razão a despiu? Porque deixou ela que ele a despisse? Lá estava ela, deitada no chão, e ele a contemplá-la. A situação era para mim tão incompreensível quanto nova, mas despertou também a minha ira contra o escritor que ousava apresentar-nos uma coisa dessas, como se pudesse de facto acontecer.

Instalou-se em mim um sentimento de repulsa contra aquilo; embora todos cedessem e se deixassem convencer de

que aquilo podia acontecer, *eu* não acreditava, nunca iria acreditar. Os gemidos do *Herr Ödenburg* no quarto ao lado do nosso não tinha nada a ver com isso. A *Fräulein Rahm* andava pelo quarto apumada e direita como um fuso. Eu tinha-a visto nua através dos binóculos de ópera quando, da varanda do nosso quarto, observava as estrelas. Por puro acaso, foi o que eu pensei, o binóculo focara a janela iluminada do seu quarto. Lá estava ela, nua, a cabeça erguida bem ao alto, o corpo esbelto e resplandecente a uma luz avermelhada; fiquei tão espantado que voltei a espreitar uma e outra vez. Ela deu alguns passos, sempre muito recta, tal como caminhava quando vestida. Da varanda eu não ouvia os gemidos. Mas quando, embaraçado, voltei para o quarto, os meus ouvidos voltaram a ouvi-lo e assim percebi que tudo continuara sem parar durante o tempo que eu tinha estado na varanda. Enquanto a *Fräulein Rahm* andara para cá e para lá no quarto, o *Herr Ödenburg* estivera sempre a gemer, e isso não a tinha impressionado: ela comportou-se como se não o visse, como se estivesse sozinha; e eu também não o via, era como se ele não tivesse estado lá.

## O Desfalecimento

Eu saía para a varanda todas as noites para contemplar as estrelas. Procurava as constelações que conhecia e ficava feliz quando as encontrava. Nem todas eram visíveis com a mesma nitidez; nem todas se distinguiam por uma estrela extraordinariamente azul que delas fazia parte, como a Vega, na constelação da Lira, por cima de mim, no zénite, ou por uma grande estrela vermelha, como a Betelgeuse, em Orion, a montante. Sentia ali a vastidão que procurava; de dia não me apercebia da amplitude do espaço; à noite as estrelas despertavam em mim essa sensação, e muitas vezes eu ajudava, enumerando alguns dos imensos anos-luz que me separavam desta ou daquela estrela.

Neste volume da sua famosa autobiografia, tendo como pano de fundo a admiração pelo escritor vienense Karl Kraus, o seu grande mentor, e a paixão por Veza, a sua primeira mulher, Canetti transporta o leitor até aos politicamente agitados e culturalmente intensos anos 20 do século xx. Emergem à luz também personagens e recantos mais obscuros, sejam a sua bizarra senhoria, por exemplo, que percorria as divisões da casa lambendo a parte de trás de todas as fotografias emolduradas do seu falecido marido, ou o sanatório defronte de sua casa, cujos pacientes serviram de inspiração para personagens em *Auto-de-Fé*.

Num registo que tem tanto de pessoal, como de universal, Canetti traça o quadro de uma época onde sobressaem episódios históricos como o incêndio do Palácio de Justiça, em Viena, ponto de partida para a redacção do fundamental ensaio *Massa e Poder*, ou o ambiente artístico de Berlim em 1928, onde o autor trava conhecimento directo com personalidades marcantes, como Brecht, Isaac Babel ou George Grosz.

O *Archote no Ouvído* é uma oportunidade única de, na primeira pessoa, poder-se acompanhar um dos grandes autores do século xx numa viagem ao mundo e pelas pessoas que exerceram influência decisiva no seu percurso de escritor.

**«Uma extraordinária e singular odisseia cultural.»**

**HARPER'S MAGAZINE**

ISBN 978-989-623-258-0  
9 789896 232580



cavalo de ferro